

AWANKANA

o segredo da múmia inca

GISELDA LAPORTA NICOLELIS
E GANYMÉDES JOSÉ

Ilustrações
RODVAL MATIAS

AWANKANA

o segredo da múmia inca

*Prêmio Jabuti 1985 de
Literatura Infantil e Juvenil*

*Selecionado para o PNLD/SP 2002 e
para o Salão Capixaba – ES*



4ª edição
6ª tiragem
2014

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Assistentes editoriais: ELAINE CRISTINA DEL NERO
NAIR HITOMI KAYO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Suplemento de trabalho: MÁRCIA GARCIA

Preparação de texto: ELÓISA DA SILVA A. MAUÉS

Coordenação de revisão: PEDRO CUNHA JR. E
LILIAN SEMENICHIN

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: VAGNER CASTRO DOS SANTOS

Assistente de arte: MAURO MOREIRA

Finalização: ALEXANDRE SILVA

Impressão e acabamento:

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Nicolelis, Giselda Laporta

Awankana, o segredo da múmia inca / Giselda Laporta
Nicolelis e Ganymédes José ; ilustrações Rodval Matias. — São
Paulo : Saraiva, 2000. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-03280-4

ISBN 978-85-02-03279-8 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. José, Ganymédes, 1936-1990. II.
Matias, Rodval. III. Título. IV. Série.

00-3228

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Rua Henrique Schaumann, 270
CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP

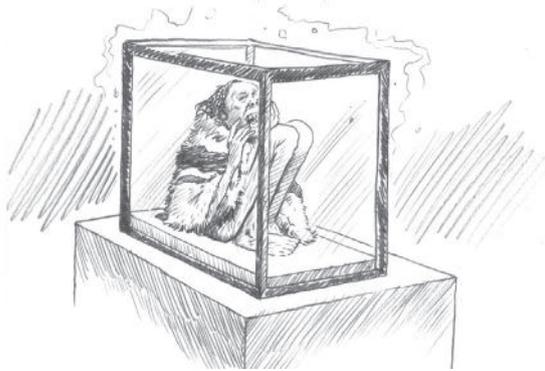
SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

201927.004.006

Yo tengo muchos hermanos
que no los puedo contar
y una hermana muy hermosa
que se llama Libertad

Los Hermanos
Atahualpa Yupanqui



Para Ênio Matheus Guazzelli —
in memoriam

Índice

Apresentação, 7

O Império Inca, 9

- 1 Madrugada, 11
- 2 Um Amauta, 15
- 3 O passado de volta?, 19
- 4 Presságios e destino, 23
- 5 O Amauta é testemunha, 27
- 6 Rutisuyu, 31
- 7 Madrugada..., 35
- 8 O deus vingador, 39
- 9 Machu-Picchu, 1994, 44
- 10 Cuzco — pistas e lendas, 47
- 11 De volta ao museu, 54
- 12 O último elo, 60

Glossário de palavras quéchuas utilizadas
no texto, 66

Bibliografia utilizada no texto, 69

Apresentação

Prezado Leitor,

para que você entre no espírito deste livro, aqui vai uma sinopse do que foi o Império Inca. Maior que o Império Romano, ele se estendeu, a partir do século XIII, desde o rio Maule, no atual Chile, até além de Quito, no moderno Equador (ver mapa). O que totalizava quase quatro mil quilômetros, onde viviam cerca de 12 milhões de habitantes, com dezenas e até centenas de milhares de guerreiros que não temiam a morte, e para os quais a vontade do Inca-Capac era a lei suprema.

O Inca-Capac, ou Soberano reinante, era o Senhor Todo-Poderoso, um deus. Ser intocável, para o qual ninguém ousava levantar os olhos. A ele só tinham acesso alguns nobres e as Acllas, esposas do Sol, desde a mais tenra infância confinadas nas Acllas-Huasi, escolhidas entre as mais belas do reino para concubinas do Inca e, eventualmente, dos nobres. A elas cabia vigiar o fogo sagrado, fazer a comida e a bebida do Inca-Capac, e tecer suas roupas que, usadas uma única vez, eram depois queimadas. O Inca-Capac servia-se apenas de objetos do mais puro ouro, e só podia se casar com a Coya, sua irmã, assegurando assim o sangue nobre do herdeiro do trono.

A sociedade inca era dividida em castas: a classe dirigente, ou privilegiada, compunha-se do Inca, dos Capacunas (príncipes, nobres e chefes militares), do clero (os chamados Tarpuntays) e dos funcionários, os Orejon. Além dessa, havia a casta dos Amautas (sábios, filósofos ou cronistas); a dos Hatum Runa (o povo ou mola mestra do Império); e, finalmente, os Yanaconas (servos ou escravos, incluindo os povos anexados dos territórios conquistados).

Os incas tinham um idioma apenas falado: o Quéchuá (ou quíchua). Mas usavam também os Quipos — cordões com nós, originários da China —, que serviam para registrar fatos importantes; uma forma de documento.

Cultivavam milho, mandioca, batata (da qual foram os pioneiros no cultivo), num sistema de terraços irrigados nas encostas das montanhas, isso numa região onde quase nunca chove. Tinham rebanhos de carneiros e lhamas, rede de esgotos e água encanada nas principais cidades do Império, cujo centro foi Cuzco, que significa “Umbigo do Mundo”, hoje capital arqueológica da América, onde se encontram maravilhosas relíquias em ourivesaria e pedras preciosas, além de ruínas de admirável construção e simetria. Basta dizer que o terremoto que há tempos ali destruiu edifícios coloniais preservou, intatas, as construções incas.

Tinham inclusive correio, os Guanacos, corredores atletas postados nos pontos estratégicos do Império, de forma que, em horas, por exemplo, o Inca recebia despachos dos mais distantes pontos de seus principais chefes. Sem falar nas pontes suspensas sobre os desfiladeiros, e fortalezas de pedras imensas, entre as quais não passaria uma agulha sequer.

A morte para os incas — povo místico e fatalista — era um fato natural, tanto quanto a vida. Por isso, sacrifícios humanos, mesmo de crianças, eram considerados normais e uma verdadeira honra. Acreditavam que um ser morria para que outro se salvasse. Como os egípcios, embalsamavam seus mortos, mas de forma original, não lhes retirando as vísceras.

O Império Inca



O Império Inca, centralizado nas mesetas do Peru, formou-se ao mesmo tempo que o Asteca, no século XIII, e subsistiu até a chegada dos conquistadores espanhóis em 1530. Antes, porém, que o povo inca consolidasse o seu poder e especial civilização, existiam nas Cordilheiras dos Andes, ao noroeste da América do Sul, vários povos independentes (os pré-incas) — Mochicas, Chavins, Nazcas e Tiahuanacos, assim como Chimus, precursores dos incas. O mapa mostra a área de difusão do grandioso império.

No período de maior expansão do Império Inca (1450-1532), tornou-se comum o sacrifício de crianças nobres no alto das montanhas. Eram denominadas *qapacuchay*, ou *capacocha* (em quéchua, pecado real). Adormecidas por um chá de folhas de coca, eram depois congeladas, ainda vivas, em posição acocorada.

Essas imolações visavam redimir a culpa dos soberanos e da sociedade inca em geral, dando às vítimas um *status* divino. Era considerada uma “honra” ceder as vítimas para o sacrifício.

A maior maravilha arqueológica é Machu-Picchu, localizada a 112 quilômetros de Cuzco. Um trem, serpenteando em viagem de três horas pelas margens do Urubamba, o rio sagrado dos incas, leva o turista às misteriosas ruínas. Para certos arqueólogos, a cidade seria anterior aos incas. Templos, fortalezas, palácios, praças, ruas, aquedutos e oratórios, todo o conjunto é um desafio à mente humana. Vários setores cortavam as montanhas de picos sempre nevados: o agrícola, o urbano, os palácios, a tumba real, o bairro intelectual, o Templo do Sol, o Templo do Condor. Machu-Picchu continua sendo um enigma.

Em 1954, foi encontrado, em Cerro El Plomo, no Chile, próximo a Santiago, a 5 400 metros de altitude, enterrado nas neves eternas, o corpo de um menino perfeitamente conservado, graças à baixíssima temperatura local. Levado para exames, constatou-se que a múmia natural teria cerca de 500 anos.

Essa história nos fascinou o suficiente para que mergulhássemos em intensas pesquisas sobre os incas. Horas incríveis voltando a um passado cheio de mistérios e grandeza. Ainda mais se acreditarmos que não somos povos diferentes entre si, estrangeiros barrados por fronteiras nacionais, e sim irmãos, nascidos do mesmo berço — admirável América que chegas ao meio milênio da sua descoberta, Mãe da nossa Latinidade!

Esperamos sinceramente que nosso trabalho também os fascine.

Giselda Laporta Nicolelis
Ganymédes José

Museu Latino-Americano de Arqueologia e Etnologia, 1994

A missão...

O carro parou à porta do museu e dele desceram quatro vultos de negro, como ratazanas furtivas saídas das tocas no silêncio da noite.

Passaram pelo vigia; um ainda sorriu e comentou:

— Dorme, o miserável!

A arma do guarda sobressaía num lado do corpo encolhido. O homem olhou a arma, sorriu novamente, compadecido. Com um franzir de sobranceiras, chamou a atenção dos companheiros:

— Mira, ainda está armado, pra quê?

O outro apenas retrucou, seco:

— Vamos!

O terceiro tirou as chaves do bolso. A fechadura girou, num pequeno estalido. Em questão de segundos, estavam dentro do museu. Ainda olharam para trás, para ver se o vigia se mexera, mas agora ele roncava alto, rendido ao sono.

Deslizaram pelo museu, como bailarinos, os passos abaçados pelas solas de borracha. Um deles acendeu uma pequena lanterna que mal e mal iluminava.

Eram de estatura mediana, três deles: cerca de um metro e setenta de altura, musculosos, pele moreno-oliva e olhos escuros. O quarto homem, porém, era de estatura avantajada, com olhos de gato em meio à escuridão, cintilantes e claros. Alto e forte.

Depois de alguma procura, encontraram o salão onde estava exposta a múmia do pequeno inca.

Algo superior motivava aqueles homens. Nada os poderia deter no seu intento. Postaram-se ante a múmia do menino